



Radiojornalismo e polifonia: a enunciação do mundo do trabalho no Programa Rádio Livre¹

Nonato Lima²

Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante³

Universidade Federal do Ceará

RESUMO

A proposta deste texto é apresentar e analisar a experiência do Rádio Livre, programa jornalístico diário, produzido pela Rádio Extra Comunicação, veiculado pela Rádio Universitária FM de Fortaleza e cuja produção discursiva está baseada na informação sob o ponto de vista do trabalhador. Essa opção não se manifesta apenas na maneira de produzir a notícia, envolve sobretudo o modo como ela é transmitida aos ouvintes. O estilo do apresentador ao comentar os fatos que noticia tem um viés político evidente cuja principal característica é o diálogo subjetivo que vai estabelecer com o público-ouvinte tecido em uma linguagem marcada pela oralidade e polifonia.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; radiojornalismo; discurso; polifonia; mundo do trabalho

1. Introdução

Fortaleza é considerada a terceira cidade brasileira, em termos proporcionais, com maior audiência de rádio⁴. O dado foi identificado em recente pesquisa e suscita várias questões, uma delas referente à suposta diversidade de conteúdos apresentados pela programação radiofônica, mas a realidade é outra. A programação das emissoras via de regra está ancorada no tripé música, prestação de serviços e informação. E é sobre este último aspecto que vamos concentrar nossa reflexão, embora se considere relevante pensar um pouco sobre os números tão expressivos ora citados.

A audiência de rádio na capital cearense registra maior pico no horário de 09h às 10h, período em que cerca de 1.150⁵ mil ouvintes estão ligados no rádio, o que equivale a 42% da população. Ainda segundo a mesma pesquisa, se comparada com a audiência da TV, o rádio se mantém na liderança de 06h às 12h, com 29,1% contra 10,6% da televisão. Mesmo de forma apertada, de meio-dia às 18h, o rádio se mantém como mídia preferida pelo fortalezense.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e radialista, Mestre em Linguística (UFC) e Professor da Universidade Federal do Ceará.
E-mail: nonatolima@uol.com.br

³ Jornalista. Mestre em Educação Brasileira (UFC) e Professora da Universidade Federal do Ceará.
E-mail: andreapinheiro@fortalnet.com.br

⁴ Fonte: Ibope/Easy Média 3- Abril de 2008

⁵ Idem



A preferência dos ouvintes é pelo rádio FM⁶. Nas pesquisas de mercado o rádio FM em Fortaleza está organizado por segmentos populares, religiosos, jovens, adultos. No segmento popular estão as FMs 93, Liderança, Jangadeiro, 100.9, Tropical, Costa do Sol e Transamérica Hits. No segmento religioso, a preferência do público está entre a Dom Bosco, a Aleluia e a Melodia. O público jovem sintoniza Jovem Pan, Cidade, Mix, e Oi. Já o público adulto opta por emissoras como Calypso, Atlântico Sul, Tempo, Rádio Universitária e Rádio Assembléia.

Os dados do Ibope/Easy Media 3 de 2008 indicam que as rádios classificadas como do segmento popular, respondem juntas por 65% da participação de mercado das emissoras de Fortaleza, contra 69% registrado em 2007. O segundo lugar é das rádios religiosas que saíram de 13% no ano passado para 18% em 2008. As rádios jovens estão em terceiro com 12%, seguidas pelo segmento adulto com 5%.

Entre as emissoras AM com maior audiência estão a Verdes Mares, O POVO/CBN e Assunção/Rádio Globo. A essas se somam ainda Ceará Rádio Clube, Cidade AM, Metropolitana e Dragão do Mar.

Em todas essas emissoras a informação está presente, mesmo que seja apenas para cumprir o que determina a legislação de dedicar 5% da programação às notícias.

2. A Informação no Rádio

Em Fortaleza as maiores audiências de rádio se concentram em emissoras cuja programação está ancorada na figura carismática de comunicadores que estão no ar há muitos anos, como é o caso de Paulo Oliveira e João Inácio Jr. no rádio AM⁷ e de Samantha Marques, do FM⁸ e que em seus programas combinam músicas, prestação de serviços, informações e participação do ouvinte.

A programação jornalística no AM se concentra nas emissoras Verdes Mares AM, OPOVO/CBN, Assunção e Cidade. A Rádio Verdes Mares mantém uma redação com jornalistas para a produção diária para o Rádio Notícia Verdes Mares, programa no ar desde 1957 e para os boletins noticiosos de hora em hora.

A Rádio O POVO/CBN também tem uma equipe dedicada à produção jornalística para programas locais, embora a maior parte da programação seja da Rede CBN.

⁶ Dados do Ibope no período de Março a Maio de 2008

⁷ Ambos são comunicadores da Rádio Verdes Mares AM

⁸ Comunicadora da FM 93, emissora do Grupo Verdes Mares



A Rádio Cidade AM, do Grupo Cidade de Comunicação, tem sua programação fatiada entre vários arrendatários que priorizam a cobertura esportiva e política, enquanto a Rádio Assunção, emissora que já pertenceu à Arquidiocese de Fortaleza na década de 1960, nos anos de 1990 foi arrendada para o grupo católico Shalom e atualmente é afiliada a Rede Globo de Rádio.

No caso do rádio FM a programação informativa é diluída a cada hora atendendo às exigências legais e de maneira geral as notícias veiculadas dizem respeito às manchetes dos principais jornais locais, cotação da bolsa e de moedas estrangeiras e sobre a vida pessoal de artistas da televisão. Embora tenha programação dedicada ao público jovem e predominantemente musical a Jovem Pan FM reproduz o Jornal da Manhã, de 06h às 07h, radiojornal transmitido de São Paulo para a rede Jovem Pan Sat.

Estão fora desse modelo, a Rádio Universitária FM e FM Assembléia que mantém equipes de jornalistas produzindo diariamente programas informativos. A Rádio Assembléia FM (96.1) tem programação voltada para a cobertura das ações políticas da Casa Legislativa combinada com programação musical.

A Rádio Universitária FM (107,9), por sua vez, emissora educativa da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, entidade de apoio à Universidade Federal do Ceará combina de forma equilibrada a difusão musical e de informações. Além da programação noticiosa produzida pela equipe da rádio – Jornal da Universitária 1ª e 2ª edição e dos boletins a cada hora, outros programas de informação, com outros referenciais constam da estrutura de programação da emissora. É o caso do programa Rádio Livre, objeto central deste trabalho, sobretudo com vistas à compreensão do seu modo de produção e compromissos político-editoriais, estilo de apresentação e possível diferencial em relação ao radiojornalismo tradicional presente no conjunto das emissoras de rádio da capital cearense, em razão de se tratar de um programa de rádio que se diz “espaço de diálogo com foco nos trabalhadores”.

3. A Comunicação Sindical e o Radiojornalismo

Antes de uma incursão propriamente na discussão sobre o Rádio Livre, considera-se fundamental pensar um pouco sobre as possibilidades de um radiojornalismo que não esteja condicionado pelos modelos tradicionais cuja marca de atuação tem sido uma certa adesão ao modelo adotado pelas emissoras de rádio, quase sempre tentando fazer valer uma imagem associada aos interesses do conjunto da sociedade, supostamente sem distinção de classes, quando, na verdade, a ênfase recai



sobre determinados objetivos e interesses dominantes, sob o guarda-chuva ideológico da estratégia discursiva da imparcialidade e objetividade jornalísticas.

Já um projeto de comunicação ligado ao movimento sindical dos trabalhadores certamente deve partir de outras bases de sustentação, como afirma Fausto Neto (2004):

Entrar no interior do próprio signo, da própria forma, do próprio formato da comunicação de massa e, no interior desse formato, criar alternativas, criar sombreamentos, criar estruturas possíveis de, ainda que seja através do mesmo formato, vocês possam dizer de uma outra originalidade comunicacional (...)⁹

Mais que isso, o autor sugere uma mudança radical sob diversos aspectos, inclusive dando pistas para uma perspectiva democrática de comunicação:

É preciso superar o denunciativismo, o mal humor e partir para a construção de alternativas de comunicação... Não é mudar o conteúdo, nem ter acesso, mas politizar, buscar alterações nas políticas de comunicação, diversificar o acesso... Necessidade de reverter o movimento não recíproco. Mas é preciso técnica e política.¹⁰

Por sua vez, em recente artigo sobre comunicação no mundo do trabalho, Fígaro (2009) lembra que: “Não são as tecnologias que comunicam. Elas potencializam nossa capacidade de comunicação. A velha e boa receita de centrar a atenção no trabalhador, vale ser redescoberta”¹¹. E acrescenta propostas para uma política de comunicação efetivamente transformadora:

A comunicação sindical tem de propor-se como uma organização coletiva capaz de ser e mostrar uma rede constituída a partir de valores diferenciados do *status quo* em relação a todos e quaisquer temas. Valores humanistas, muitos deles tornados discursos legais, mas sem efeito na prática cotidiana, são temas a serem discutidos por essa rede, por exemplo: Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso, a punição à discriminação racial, violência contra a mulher, o idoso e a criança, saúde e segurança do trabalhador. Trabalho, saúde, educação, moradia, salário, acesso à cultura, lazer, mídia, política, eleições são pautas importantes assim como a violência na família, alcoolismo, drogas, corrupção, assédio sexual, moral etc.”¹²

⁹ Fausto Neto, Antonio. Palestra proferida no Sindicato dos Bancários do Ceará em 26/04/2004.

¹⁰ Idem.

¹¹ Fígaro, Roseli. Políticas de comunicação no mundo do trabalho. In: Baccega, Maria Aparecida; Costa, Maria Cristina Castilho (organizadoras) 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009: (pag.140).

¹² Idem pág. 140



A autora manifesta um ponto de vista segundo o qual a comunicação no mundo do trabalho sugere uma relação com um embate político-ideológico, cujo propósito identificado com a classe trabalhadora pressupõe uma disputa pela hegemonia:¹³

Disputar a hegemonia diz respeito a introduzir e sustentar, no corpo social, um conjunto de idéias e práticas diferenciadas que sejam capazes, por meio de ações educativas e políticas de expressar anseios de um coletivo, o que pressupõe a diferença, a contraposição. Diz respeito à correlação de forças baseada em valores ideológicos. Diz respeito à correlação de forças baseada em valores e ideologias. A luta por hegemonia é, sobretudo, a luta pela hegemonia de idéias; sem essa clareza não há o que sustente uma rede de comunicação que se quer alternativa.¹⁴

Nesse sentido, vai-se verificar se o programa Rádio Livre, de fato, coloca-se na direção acima sugerida e em que medida alcança objetivos da classe trabalhadora no contexto de suas práticas político-comunicacionais, diante da constatação de que a expressiva audiência do rádio fortalezense não necessariamente significa fator determinante de práticas radiojornalísticas sensíveis aos anseios de uma comunicação capaz de incorporar as vozes dos trabalhadores.

4. O Programa Rádio Livre

O Rádio Livre é uma produção da Rádio Extra Comunicação¹⁵ e vai ao ar na Rádio Universitária FM de segunda a sexta-feira, de 7h às 7h30. O programa estreou em 1995 na Rádio Metropolitana AM, patrocinado por um *pool* de sindicatos filiados à Central Única dos Trabalhadores e no ano seguinte passou a ser veiculado pela Rádio Universitária FM. Atualmente tem apoio da Central Única dos Trabalhadores, Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal no Ceará, Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal do Ceará, Sindicato dos Petroleiros, Sindicato dos Comerciários, Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Asseio e Conservação e Sindicato dos Previdenciários.

Ao contrário da tradição liberal, o programa, não só explicita suas relações com a classe trabalhadora como, de fato, nasce de uma expectativa de atendimento da demanda sócio-histórica por espaços destinados à voz dos trabalhadores e de suas entidades representativas e movimentos sociais.

Assim, o Rádio Livre busca ser, ao mesmo tempo, um programa de rádio e um espaço estratégico de expressão midiática dos trabalhadores, onde se pode perceber

¹³ Na perspectiva de Antonio Gramsci.

¹⁴ Idem pags. 140-141.

¹⁵ Produtora de programas radiofônicos para o movimento popular e sindical fundada em 1991



afinidade com o que propõe Fígaro (2009) ao discutir bases para um projeto efetivo de comunicação sindical.

O jingle de abertura do programa em ritmo de baião anuncia provocativamente: “A gente está no ar pra se informar, saber o que é que há, pra se ajudar, a gente está no ar para se comunicar. A gente está no ar pra se divertir, pra falar e ouvir, pra dançar e rir, pra ficar feliz, pra ser livre, Rádio Livre, Rádio Livre.” É com essa orientação editorial, de apresentar as informações sob o ponto de vista dos trabalhadores, que o programa vem sendo produzido há 13 anos.

A opção por fazer um programa de rádio com essas características tem estreita relação com a equipe da Rádio Extra Comunicação, jornalistas e radialistas¹⁶ que atuam junto ao movimento popular e sindical há anos. O Rádio Livre tem formato jornalístico, com veiculação de notícias, entrevistas ao vivo, comentários e publicidade sobre as atividades dos sindicatos patrocinadores. Após o jingle executado na abertura, são apresentados os destaques da edição, tendo como BG uma trilha dinâmica que se adequa à leitura das manchetes do dia. É apresentado por um único comunicador. Às quartas-feiras tem a participação do psicanalista e ensaísta político Valton Miranda, sempre comentando um tema da atualidade. O programa discute ainda temas da política nacional e internacional, economia, cultura, entre outros, sempre valorizando uma abordagem que privilegia os interesses e pontos de vistas dos trabalhadores.

Neste caso, o programa assume posições, reconhece o conflito social e as posições de classe, recorrendo aos comentários, em geral marcados pela ironia, humor, questionamentos sobre as informações e sobre a própria prática do jornalismo, como um gesto de abertura para outras possibilidades de sentidos, gesto esse direcionado ao público, com tudo o que isso pode significar em riscos.

A propósito, o conceito de ironia, objeto de várias postulações teóricas sobre as quais não cabe aqui alongar-se, passa a ser pensado aqui segundo o que propõe Oswald Ducrot, sobretudo em sua conceituação da ironia como discurso polifônico¹⁷, ou seja, como forma de presença e mobilização de diferentes vozes num mesmo enunciado. Nesse sentido, o que ocorre no comentário irônico é uma espécie de diálogo/conflito de vozes, sujeitos, posições, pontos de vista diferentes e, em geral, divergentes, onde um

¹⁶ Esse mesmo grupo produz e apresenta, desde 1993, o programa do Sindicato dos Bancários do Ceará: Rádio Bancários, também na Rádio Univesitária FM.

¹⁷ Ducrot, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.



questiona o outro e propõe sentidos outros para algo que possa parecer dentro do sentido “adequado” em relação à realidade social.

Pode-se até sugerir que a “mistura” do comentário com a notícia descaracteriza o radiojornalismo por torná-lo parcial e subjetivo. Mas o que se verifica no caso, é o reconhecimento de que as notícias são sempre a tentativa de um discurso aparentemente neutro e objetivo, mas que, na prática, falam de algum lugar social, de alguma posição sócio-ideológica. E, neste caso, a narrativa polifônica resulta em uma postura aberta à reflexão, na medida em que provoca um discurso mais heterogêneo com, pelo menos, duas vozes em embate.

O gênero jornalístico é definido por Barbosa Filho (2003) como o “instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio de divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. (...) e podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos”. No programa em foco, assume-se claramente essa perspectiva de espaço de convivência entre a informação objetiva e a inevitável presença da subjetividade, no que confere ao discurso do programa o reconhecimento da polifonia como parte inerente ao modo de produzir a textualidade/discursividade.

Há, porém, uma característica que confere ao programa um diferencial mais veemente ainda em relação aos radiojornais convencionais: o comentário do apresentador. O comentário, aqui compreendido como um formato de caráter opinativo e que se filia ao proposto por Kaplun.

(...) procura não somente informar, como também orientar o ouvinte, influir sobre ele e incliná-lo em favor de uma determinada interpretação do fato, considerada justa e correta. O comentário aprova ou condena, aplaude ou censura (...). (BARBOSA FILHO apud KAPLUN, 2003:97)

Mas a diferença a ser considerada não reside no comentário em si, mas no estilo do comentário realizado. É comum em programas informativos no rádio e até mesmo na TV que os apresentadores se manifestem diante de uma informação que noticiam. O que acontece no Rádio Livre, porém, vai muito, além disso, visto que é um estilo muito particular de emitir opinião que remete tiradas bem humoradas muito próximas da ironia.

A ironia também tem um componente imprescindível à sua inteligibilidade: o contexto. É talvez a mais ambígua das figuras de linguagens, uma vez que, se mal interpretada, pode levar o interlocutor a ter a impressão rigorosamente oposta a que se queria dar. (ACSERALD, 2006: 07)



De forma espontânea, o apresentador do programa emite seus comentários e de uma maneira que o aproxima do ouvinte, no sentido de que transparece a idéia de que o comentário é como um “pensamento alto”, como se ele estivesse compartilhando com a audiência algo reservado, mas que de alguma maneira constrói cumplicidade com o público e que pode significar para o ouvinte como um desabafo diante da informação transmitida. A particularidade dessa forma está ainda em se reinventar a cada dia, já que o comunicador não faz uso de bordões que se repetem com frequência. Ele brinca com as palavras, faz um jogo ao pronunciá-las e lança para o ouvinte um outro sentido para as palavras e para as informações muitas vezes não revelado.

A surpresa evidencia-se a cada programa, pois não há uma vinheta chamando atenção, não há um momento definido para o comentário, não há mesmo um tempo determinado para duração do comentário. Tudo pode ocorrer em uma palavra, em algumas palavras, em um texto improvisado mais aprofundado sobre o tema ou, simplesmente, a entonação, a repetição de um trecho da notícia em um outro tom, uma pausa de silêncio provocante. Por exemplo, diante da ampla divulgação que ganhou recentemente um conjunto de denúncias envolvendo os “atos secretos” do Senado Federal o questionamento do apresentador recaiu sobre a própria denominação desses atos. No Programa Rádio Livre o comunicador passou a se referir a isso como “atos escondidos”, demonstrando que houve uma intenção clara de não divulgá-los e conferindo a atitude uma outra interpretação a priori. A justificativa também foi apresentada: os atos foram centenas, beneficiaram muitas pessoas e envolveram muitos senadores, seus familiares e funcionários do Senado.

Não se trata de dar a palavra final sobre a notícia ou sobre o tema, mas, sobretudo, de provocar uma certa desestabilização de possíveis tentativas de imposição de ponto de vista, de certos modos de dizer e, sobretudo de um certo modo midiático de fazer ecoar uma posição político-ideológica de determinado setor da sociedade como se fosse o “natural”, o “único”, aquele que deve predominar. É uma desestabilização buscada, inclusive, em relação às práticas discursivas do jornalismo e suas estratégias “naturalizadas” de formação de opinião.

Essa forma de apresentação das notícias e fatos do dia-a-dia acaba propondo um modo diferenciado de prática jornalística, opondo-se, claramente, à tradição segundo a qual os meios de comunicação se colocam como simples mediadores na conjuntura sócio-histórica, quando na verdade se situam num contexto em que os objetivos sócio-econômicos e ideológicos adquirem significados decisivos.



Nesse modo de tratar as informações, a voz tem uma contribuição significativa pois como diz Charaudeau (2007:1106-107):

Sem mencionar os efeitos que os outros sons são suscetíveis de produzir, diz-se que a voz, com suas características de timbre, de entonação, de fluência e de acentuação, reveladora do que comumente é chamado de ‘estado de espírito’ de quem fala, isto é, dos movimentos que perpassam sua afetividade, sua interioridade oculta ou pelo menos invisível, a imagem que faz de si mesmo (e eventualmnte do outro) e até sua posição social. Assim, o locutor poderá parecer autoritário ou humilde, poderoso ou frágil, emotivo ou senhor de si, emocionado ou frio, tudo aquilo que jogam os políticos e os profissionais de mídia.¹⁸

No programa Rádio Livre, o locutor busca explorar os recursos vocais, lingüísticos, o contexto informacional e, até mesmo, um pouco do traço moloque cearense, resultando numa aproximação com o que revela Charaudeau¹⁹:

(...) no rádio a distância fica quase abolida, entre a mídia e o ouvinte, pela transmissão direta da oralidade, à qual se acrescentam uma enunciação interpelativa da parte da instância midiática e diversas estratégias de interatividade (telefone, correio eletrônico, sondagem imediata) criando intimidade, confiança, até mesmo ambiente próprio às confissões.

Trata-se de um estilo de apresentação que é precedido de um trabalho de produção que segue a uma linha editorial bem definida, como esclarece a jornalista Lúcia Helena Pierre que assim explica a rotina produtiva a começar pela seleção das notícias:

Notícias mais importantes do dia nacional e local. Notícias sobre minorias, meio ambiente, e fatos que não aparecem em muitos noticiários, mas são de interesse público. Internacional só algo mais especial ou com repercussão para o Brasil. Notícias dos sites e e-mails dos sindicatos. Notícias de eventos e serviços que possam ser úteis no dia a dia dos ouvintes. Eventos grátis. Pesquisas²⁰.

O programa veicula até três entrevistas diárias, onde mais uma vez se busca não somente respostas para um roteiro de perguntas. Na verdade, o roteiro produzido com base em pesquisa, é tratado como um ponto de referência fundamental para um diálogo entre o apresentador e o entrevistado. A produtora confirma a perspectiva de comunicação identificada com “um tratamento humano do trabalho e do trabalhador”, na linha do que se discutiu no tópico anterior: “O plano diário, que

¹⁸ Charaudeau, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁹ Idem. Pag. 108.

²⁰ Entrevista concedida, em Fortaleza-Ce., em 8/7/2009.



nem sempre dá certo, é uma entrevista de sindicato e outra geral, de questões da cidade, trabalho em geral, denúncias, saúde, educação, repercussão de fato nacional, minorias, meio ambiente²¹.

A seguir apresentamos a análise de alguns exemplos sobre o modo de dizer do programa Rádio Livre.

5. Comentário: um jogo polifônico

Ao definir como linha editorial um compromisso explícito com o trabalho humanizado e com os que trabalham, o programa propõe-se a fazer uma leitura diária das informações numa perspectiva de embate, de presença de pontos de vista, vozes diferentes e muitas vezes divergentes, produzindo uma discursividade marcada pela polifonia.

O conceito de polifonia neste trabalho pressupõe uma relação, um embate de vozes no texto radiofônico, conforme a perspectiva de Ducrot, que busca identificar a polifonia nos limites de um enunciado mínimo vendo-o como representação de uma enunciação. Assim, por exemplo, em um enunciado como “a relação com o MST não é política, mas é econômica”, pode-se verificar a presença de pelos menos duas posições.

Uma que é do MST negando uma relação política e afirmando uma relação puramente econômica. Essa negação acaba mobilizando por meio de uma pressuposição um outro ponto de vista que circula na sociedade: a relação com o MST é política. Como verificaremos neste mesmo exemplo analisado mais adiante, o comentarista do programa Rádio Livre traz para esse jogo polifônico um terceiro ponto de vista em que argumenta em favor de uma afirmação de uma “relação política”, mas propondo outros sentidos para a política. Desse modo a polifonia radiofônica de que tratamos relaciona o discurso e as práticas sociais perceptíveis a partir da própria textualidade.

Para este artigo, embora tenha sido feita uma escuta durante os últimos dois meses, optou-se por analisar cinco programas veiculados no período de 04/05 a 08/05 de 2009. Observou-se que os temas apresentados nas matérias, de fato, correspondem à linha editorial descrita, pois nesse período foram recorrentes os temas:

- Eleições sindicais;
- Ações contra reajuste considerado ilegal da energia elétrica;
- Greves de motoristas, professores, servidores públicos;

²¹ Idem.



- Desabrigo por conta das chuvas no Ceará;
- Acordo salarial dos jornalistas depois de meses de luta;
- Vitória dos petroleiros que recebem participação nos lucros e resultados com um cálculo mais justo para todos os servidores do sistema Petrobras;
- Apoio ao projeto ecológico Parque Raquel de Queiroz;
- Funcionamento do comércio aos domingos, a lei e os direitos trabalhistas dos comerciários;
- Educação no meio rural;
- Vestibular unificado proposto pelo MEC;
- Congresso sindical;
- Congresso da CUT: “Os trabalhadores não vão pagar a conta da crise”;
- Direitos do consumidor;
- Denúncias de corrupção;
- CPIs do Congresso Nacional.

A seguir destacamos alguns exemplos de como essa discursividade se manifesta no dia-a-dia do programa Rádio Livre.

No programa exibido no dia 05/05/2009 o apresentador trata do conceito de política, ao noticiar a parceria entre o MST e os indígenas da reserva Raposa Serra do Sol:

Os indígenas da reserva Raposa Serra do Sol, em Roraima, vão contar com o apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Rio Grande do Sul para produção de arroz sem agrotóxicos e sem uso de sementes transgênicas. Os indígenas afirmam que a relação com o MST não é política, mas econômica.

Comentário do apresentador:

Só muita pressão para se dizer um negócio desses. Claro que é uma relação política. Não partidária. Não a política banalizada pela mídia. É política em alto conceito, de ação conjunta na sociedade. A negação da política é para aliviar as pressões.

A fala do apresentador aponta para um sentido positivo da política, o que seria, em última análise, o que interessa aos trabalhadores, aos cidadãos que sonham com transformação real da sociedade. A negação entra num contexto em que a reserva indígena acabava de ser objeto de um dos mais complexos julgamentos da instância máxima da Justiça, o STF, Supremo Tribunal Federal, quanto à demarcação.



Julgamento que praticamente “regulamentou” as decisões futuras sobre os direitos indígenas, com conseqüências ainda imprevisíveis.

Na edição do dia 06/05/09 foi ao ar uma notícia sobre a gripe A, antes gripe suína. A notícia fala de pessoas suspeitas de gripe suína. O comentário remete para o risco de estigmatização, discriminação, como ocorreu com vítimas da AIDS. Então, o comentarista adverte: a doença é que está sob suspeita, não a pessoa. E faz referência à recomendação da OMS para “lavar as mãos” como forma de evitar infecção pelo vírus da gripe A. “Tem gente que lava as mãos direto.” “E os suínos não escaparam da imprensa. O novo nome AHI não pegou. Tá gripe suína”....Aqui o comentário além de dar ênfase à recomendação para a prevenção da gripe estabelece uma relação polissêmica com a expressão “lavar as mãos”, onde se pode perceber no enunciado “Tem gente que lava as mãos direto”, sentidos também associados com negligência e indiferença.

Nessa mesma edição foi noticiada a decisão do Tribunal Superior do Trabalho sobre o trabalhador diarista. “TST decide que trabalhador diarista que trabalha três dias por semana, na mesma casa, com o mesmo patrão, não tem vínculo trabalhista nem direitos de trabalhador regular”.

Ao que o apresentador emenda: “Se for questionar quem trabalha três dias por semana e com extras vai ser um vexame para os poderes da República. Não vou dizer. Vocês sabem. Se fosse para a Justiça, nem andava.”

No dia 07/05 a informação sobre decisão judicial em favor da Coelce é seguida do comentário:

O curioso do funcionamento de algumas instâncias judiciárias do País é a rapidez com que age em determinadas situações e a lentidão em outras. Quando age, um banqueiro corrupto entra e sai em alguns minutos da cadeia, mesmo pesando sobre ele uma carga imensa de acusações. Numa situação dessas em que o interesse público está em jogo e há uma Companhia, inclusive que hoje é estrangeira, é bom que se diga, concessionária de serviço público brasileiro, simplesmente vai lá e traz a decisão para pressionar a Prefeitura de Senador Pompeu a pagar uma conta que o Prefeito diz que boa parte não é da Prefeitura. Você vai ver, às vezes, o sujeito apodrece na cadeia, sem culpa. Dez, quinze anos depois é absolvido. Pobre evidentemente. Vamos pensar um pouco nisso. O Brasil... o Supremo diz que o Brasil não tem justiça de classe. A justiça julga com todo o equilíbrio exigido pela Constituição, pelas leis etc e tal.

Como se percebe nos exemplos mencionados o tom dos comentários está em total harmonia com a proposta editorial do programa e propõe ao ouvinte uma reflexão, muitas vezes de forma explícita, outras mais sutilmente. Ao se colocar desta maneira o



apresentador assume uma postura mais dialógica, educativa enfim, mas sem qualquer didatismo.

6. Considerações finais

O diferencial do programa Rádio Livre diante das outras opções de radiojornalismo oferecido ao público em Fortaleza está não apenas na pauta escolhida, nem só na abordagem, mas principalmente nos comentários feitos pelo apresentador, muitas vezes em tom irônico. São enunciações que acrescentam outros sentidos às notícias, assumindo de forma clara um lugar de fala.

Enquanto o discurso dominante da mídia tradicional propõe uma suposta neutralidade diante dos fatos, o Rádio Livre assume abertamente o ponto de vista do trabalhador como proposta editorial, ampliando o enfoque do radiojornalismo local ao enunciar uma nova perspectiva político-ideológica para as práticas jornalísticas no contexto de uma sociedade de classes propondo uma perspectiva polifônica que incorpora um outro modo discursivo sobre os fatos sociais onde também ecoa um projeto de transformação social identificado com o mundo do trabalho.

Referências Bibliográficas

ACSERALD, Márcio. **Ironia e Comunicação.** Disponível em <http://www.fa7.edu.br/recursos/imagens/File/publicidade/ic/2006/artigo-com-04.pdf> Acesso em 25 jun. 2009.

BARBOSA Filho, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2007.

DUCROT, Oswald. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação.** In: O dizer e o dito. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ESTEVES, José Manuel Vasconcelos. **Ironia e argumentação.** Tese de Mestrado em Filosofia, Universidade Nova de Lisboa, 1997, acessado em <http://bocc.ubi.pt/pag/estevesjose-manuel-ironia-argumentacao.html>. Acesso em: 25 jun. 2009.



FAUSTO NETO, Antonio. **Palestra proferida no Sindicato dos Bancários do Ceará** em 26/04/2004.

FÍGARO, Roseli. **Políticas de comunicação no mundo do trabalho**. In: Baccega, Maria Aparecida; Costa, Maria Cristina Castilho (organizadoras) 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009: (pag.140).

PIERRE, Lúcia Helena. **Entrevista concedida aos autores**, em Fortaleza-Ce., em 8/7/2009.

RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM. Programa Rádio Livre veiculado no período de 04 a 08 de maio de 2009. Fortaleza-Ce.